



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior

BLAZING SADDLES/ 1974

Balbúrdia no Oeste

Um filme de Mel Brooks

Argumento: Mel Brooks, Norman Steinberg, Andrew Bergman **Diretor de Fotografia:** Joseph F. Biroc
Montagem: Danford B. Greene, John C. Howard **Som:** Gene S. Cantamessa, Les Fresholz, Arthur Piantadosi, Richard Tyler, Raul A. Bruce **Música:** Eugene Marks **Direção de arte:** Sam Gordon, John Alvin, Bill Gold **Interpretação:** Cleavon Little (Bart), Gene Wilder (Jim), Slim Pickens (Taggart), Harvey Korman (Hedley Lamarr) Madalene Kahn (Lili Von Shtüpp), Mel Brooks (Governator Lepetome) **Produção:** Michael Hertzberg **Produção executiva:** William P. Owens

Cópia: Digital, Cinemascope, cores, falado em inglês e legendado eletronicamente em português
Duração: 93 min **Estreia Mundial:** 7 de fevereiro 1974.



O realizador de BLAZING SADDLES, Mel Brooks, atualmente com quase cem anos, é famoso pelas suas paródias de géneros cinematográficos, que vão do western à ficção científica, ao terror (quem não se lembra do FRANKSTEIN JÚNIOR, realizado no mesmo ano de BLAZING SADDLES?), até aos musicais! Através do seu humor irreverente e sem pudor, desafiou e ridicularizou as normas sociais e cinematográficas.

No BLAZING SADDLES desconstroem-se alguns cliché dos filmes western, um dos géneros mais icónicos do cinema americano que criou uma visão idealizada da história dos Estados Unidos, e que se apoia nalguns mitos como o da conquista das terras do Oeste, (lugar virgem, aberto para ser conquistado por indivíduos corajoso em busca de liberdade e prosperidade), da exaltação do cowboy branco como herói solitário e virtuoso símbolo de honra, de justiça e de masculinidade, da civilização branca como força redentora e da desvalorização do povo índios, visto como hostil e obstáculo para o progresso.

Mel Brooks reverte aqui alguns papéis: o herói é Bart, um homem negro inteligente, culto e sarcástico, que enfrenta o preconceito racial enraizado na cidade e vence não pela força bruta, mas sim pela inteligência

e empatia. Os cowboys da cidade são caricatos e ignorantes (veja-se a cena do concerto de peidos e arrotos!) e representados de forma grotesca e hilariante. A lei neste filme é corrupta e absurda, o governador (interpretado pelo próprio realizador) é um idiota e o poder é usada de forma calculista e cínica.

No Velho Oeste do século XIX de *BLAZING SADDLES*, a corrupta administração dos caminhos-de-ferro decide construir uma nova linha através da pequena cidade de Rock Ridge. O procurador-geral Hedley Lamarr (Harvey Korman) decide nomear um xerife negro, Bart (Cleavon Little), na esperança de que a intolerância racial provoque um motim, expulse os habitantes e liberte as terras. No entanto, Bart, com a ajuda do seu amigo alcoólico, o pistoleiro Waco Kid (Gene Wilder), ganha o respeito e a confiança da comunidade, frustrando os planos de Lamarr.

Neste filme abordam-se questões como o racismo, a ganância, a sede de poder, a hipocrisia humana e política de uma forma provocadora, através de citações e referências ao western. Humor visual e verbal misturam-se, com cenas divertidas e arrojadas, incluindo situações absurdas, como por exemplo a presença das vacas por todo o lado (até no hall do cinema da sequência final).

Encontramos também elementos anacrónicos, que contrastam com os estereótipos do western como por exemplo a aparição da orquestra com Count Basie (já do século XX), tocando “April em Paris” no meio do deserto; a referência direta ao cineasta Cecil B. DeMille (famoso pelos seus filmes épicos) pelo protagonista Waco Jim (“Devo ter matado mais homens do que o Cecil B. DeMille”); a bolsa Gucci de Bart ou as referências indiretas como a personagem de Lili Von Shtupp que remete para outra figura mítica do cinema, a actriz Marlène Dietrich, que parodia, entre sensualidade e autoironia, a figura de *femme fatal*. Tudo isso é uma piscadela de olho à cultura pop e aos tempos mais modernos, marcando assim um grande salto temporal em relação à época em que se passa o enredo do filme.

O ápice do absurdo acontece quando personagens de épocas diferentes se juntam respondendo a um pedido de recrutamento organizado pelo vilão Hedley Lamarr para atacar a cidade de Rock Ridge. Eles são mongóis, membros do Ku Klux Klan, nazis, cowboys, árabes, motards e bandidos de filmes de gangsters e aos quais se pedem apenas que “saibam odiar” pois não precisam de saber montar a cavalo.

Ao exagerar, satirizar e rir destes estereótipos, o filme convida o público a refletir sobre a intolerância e os preconceitos culturais ainda existentes e que devem ser combatidos. Uma mensagem ousada e progressista para 1974, e ainda hoje relevante. O cinema assim como a comédia podem e devem “rir” da hipocrisia social, desde que sirva para algo mais profundo e se torne um instrumento poderoso contra a ignorância.

Mel Brooks termina o filme de forma totalmente surpreendente, quebrando literalmente com a fábrica dos clichês de Hollywood e brincando com os finais felizes dos filmes que ali se produzem. No *BLAZING SADDLES* todos os personagens atravessam as fronteiras do Far Oeste e invadem os estúdios de Hollywood, ultrapassam a “quarta parede” desmontando completamente a ilusão cinematográfica.

A Warner Bros, que produziu o filme, não gostou da utilização da palavra “nigger”, da excessiva vulgaridade da cena de flatulência com os feijões e da cena da violência com o cavalo por parte de Mongo. A produção pediu a Brooks que retirasse estas sequências, mas ele não cedeu a estas exigências. O filme recebeu também algumas acusações de xenofobia e em 2012, durante uma entrevista para a revista “DGA Quarterly”, Mel Brooks foi questionado sobre a utilização frequente do termo depreciativo “nigger”, num filme de comédia. Afirmou que, na altura das filmagens tinha recebido a aprovação do actor Cleavon Little. Atualmente seria completamente impossível manter esse termo neste contexto, passando a usar a expressão inglesa “black person”.

Neva Cerantola